

SCORPION MATA – por FRED FARIA

CAPÍTULO UM – Três de uma vez...

CAPÍTULO DOIS – As investigações começam...

CAPÍTULO TRÊS – Lucinda...

CAPÍTULO QUATRO – Rubecon se torna Rubens...

CAPÍTULO CINCO – Um giro pela noite...

CAPÍTULO SEIS – Não se mata a galinha dos ovos de ouro...

CAPÍTULO SETE – Desencontro...

CAPÍTULO OITO – Luiz em nova caçada...

CAPÍTULO NOVE – Van vendida...

CAPÍTULO DEZ – O encontro...

CAPÍTULO ONZE – Nem mesmo “bom dia”...

CAPÍTULO DOZE – Que noite!...Precisamos conversar...

CAPÍTULO TREZE – Boas novas...

CAPÍTULO QUATORZE – Enfim sós...



Capítulo um

João Beltrão Fagundes era o investigador mais velho dentre aqueles lotados naquela delegacia de polícia. Mas nem por isso era considerado o melhor, o mais eficiente deles todos. Digamos que estaria no meio das considerações, não era o melhor e também não era o pior. O pior, nessa escala de valores, era um jovem espevitado, recém admitido no serviço público. E era assim considerado porque não havia sequer recebido um caso para resolver. Não tinha sido realmente avaliado. O melhor era o amigo de João de longa data, o seu contemporâneo naquele serviço, o Fábio Acácio. E Fábio era assim considerado por ter resolvido inúmeros e complicados casos que apareceram na delegacia. Era sua especialidade resolver coisa difícil. Resolvia esses casos e contava sempre com a ajuda de João Beltrão que atuava como seu assessor não oficial. Como se fosse um confidente. Ambos trocavam idéias, faziam sugestões mútuas e muitas vezes resolviam casos com esse procedimento informal e amigável. João, já agora nos seus quarenta e cinco, indo rápido para quarenta e seis anos de idade, não era lá muito sociável. Não do tipo que facilmente faz amizades e mesmo no tempo em que estudava, seus poucos colegas eram aqueles que, como ele, não eram os "populares". Mas era aluno dedicado, responsável e saía-se muito bem nos estudos, de uma forma geral.

Gostava de vestir-se bem, mais que adequadamente

para um policial. Era, de certa forma, vaidoso com sua aparência. Só não gostava das entradas capilares que iam avançando com a idade. Porém recusava-se a dar maior espaço em sua vida a esse inconveniente. Aprendera em sua meninice, com seu avô, que o homem deve apresentar-se com a unha limpa e cortada, cabelo penteado, sapatos limpos e engraxados.

Mas o tempo foi mudando tudo isso, não se usava sapatos como antes, imperava o tênis, não mais se barbeava todos os dias, enfim, era outra época...

Casou-se cedo, já estava na polícia por essa época. Havia prestado concurso, conseguido ser aprovado e fez o estágio na academia de polícia. Gostava mesmo era dos exercícios de tiro. Embora fossem poucos tais exercícios, pois falavam da economia que deviam fazer com a munição. Mas mesmo assim, quando havia, ele desfrutava com um enorme prazer. Era bom atirador, tinha um aproveitamento exuberante na prática de tiro ao alvo.

Tinha muitas habilidades manuais. Pouquíssimas coisas ele não conseguia consertar. João sentia enorme prazer nisso, mais ainda quando era reconhecida sua habilidade. Tanto que para ser reconhecida essa habilidade, ele consertava o que aparecesse para quem parecesse.

Futebol era seu esporte preferido. Não jogava pessoalmente como tantos outros que não deixavam de comparecer nas "peladas" organizadas pelos colegas policiais, mas ia assistir e também

acompanhava os campeonatos pela televisão.

Esse novo caso que acabava de aparecer para ser resolvido, foi entregue diretamente a João Beltrão. Ele estranhou tal fato porquanto o Fábio estaria disponível naquele dia e nem mesmo foi consultado a respeito e esclareça-se que entre os dois não havia e menor rivalidade ou competição.

Ao saber do caso, Fábio veio conversar com João Beltrão, desejando obter detalhes, por mera curiosidade. Após tomar conhecimento do caso, Fábio aduziu:

- Mais um daqueles! E a coisa não vai parar por aí...

- Bem..., talvez não haja conexão entre os casos que você já resolveu e este aqui. Vamos ver com mais calma e pensar melhor nos detalhes técnicos e tudo mais que conseguirmos lá no local. Vamos a campo! Volto a falar com você quando tiver obtido mais informações, mais detalhes.

Assim dizendo João Beltrão posicionou-se para deixar a sala dos investigadores no que foi acompanhado pelo jovem espevitado. O novato dali.

O delegado havia designado o jovem para acompanhar João até a cena do crime. Essa designação fazia parte do aprendizado necessário aos jovens recém admitidos na carreira de investigador policial. Tendo sido devidamente comunicado de tanto por seu superior, João na teve dúvidas e aceitar tal incumbência. Até gostava de poder passar algumas

de suas experiências aos jovens que apareciam.

Dirigindo-se ao jovem, João perguntou-lhe:

- Veja qual viatura está com o tanque cheio ou que tenha combustível suficiente para irmos e voltarmos do local.

O jovem movimentou-se alegre e rapidamente, dirigindo-se ao mecânico responsável pelas viaturas, vendo na ordem recebida a esperança de um bom relacionamento com João.

- A viatura que está perto da saída está com o tanque pela metade. Se não formos andar mais que duzentos quilômetros esse combustível é mais que suficiente.

- Creio que não andaremos tanto... --- disse-lhe João ao tempo em que adentrava no veículo pelo lado do carona ---.

- Vou guiando?

João observou que o jovem parecia assustado com a possibilidade de sair dali guiando o veículo.

- Sim, você vai guiando e eu vou observando sua destreza e responsabilidade ao dirigir... Não corra, não mate e não morra.

- Tudo bem. Não tenha receio, vou devagar...

- Não tenho receio, realmente tenho medo de que você nos enfie em baixo de alguma carroceria de caminhão.

João disse isso em tom de brincadeira, porém o jovem, sério que permaneceu após essa fala, não devia ter apreendido o tom correto das palavras.

O jovem, quando se apresentou para o serviço naquela delegacia, trazia o termo de apresentação que tinha o seu nome: Rubens Constantino. João havia lido e guardado tal detalhe.

O veículo já estava em movimento dirigindo-se ao local onde deveriam eles tomar contacto direto com o que havia ocorrido lá.

- Como deseja ser chamado? Rubens ou Constantino?

- Tanto faz. Na faculdade me chamavam de Rubecon em uma analogia ao Rubicon dos romanos, aquele rio que falam que Julio Cesar atravessou para chegar em Roma no ano 49 BC. Não sei porque, porém o apelido pegou e eu passei até mesmo gostar de assim ser chamado.

- Quer dizer que você fez faculdade... Direito?

- Sim formei-me em direito ou ciências sociais como querem alguns.

- Muito bom. Dessa forma não vamos ter problemas com os aspectos jurídicos que eventualmente possam permear nossas ações. Me corrija se eu estiver errado em algum procedimento. Tenha toda liberdade...

Rubens era bastante ativo em todos os aspectos de sua vida. Conservava um grande número de amizades, desde os colegas de faculdade quanto aqueles do

tempo de ginásio. Garotas constavam de seu celular em mais de duas páginas. Sendo rapaz solteiro e com os dotes de bom interlocutor e bom ouvidor, nunca lhe faltava companhia feminina. Também os colegas o procuravam constantemente para juntos fazerem "programas" com garotas, jogar "peladas" e para todas as atividades próprias da juventude.

Nos seus vinte e poucos anos, estava começando sua carreira de policial, de investigador, e era o que queria no momento. Estudara direito mas não queria advogar. Pensava que com o diploma de direito, poderia ter uma carreira promissora na polícia. Almejava fazer concurso para alçar posição mais elevada que aquela de investigador, motivo de sua admissão na polícia.

Era um daqueles que não mais usavam sapatos como os antigos usavam. Agora só usava sapatenis, calça jeans e dificilmente usava paletó, somente quando o tempo esfriava. Então aí o paletó servia de aquecimento extra. Barba não era problema, pois não ligava para ela. Porém não deixava crescer tanto que precisasse de cuidados. Quando achava que estava além da moda, a gilete entrava em ação. Na polícia não havia nenhuma exigência quanto a qual aparência devia o investigador apresentar, cada qual era como queria estar.

Olhos verdes, tez morena, com seus um metro e setenta e cinco de altura, cabelos ondulados, Rubens se considerava um cara charmoso e não escondia nem um pouco essa condição, contudo, não

podia ser considerado antipático por isso. Era visivelmente loquaz e vivaz, sobretudo quando se tratava de discutir futebol.

Após alguns minutos de silêncio, já estavam chegando ao local desejado, revelado pelo grande número de viaturas da polícia militar que estavam estacionadas, avistadas desde longe pelos dois investigadores. João foi logo falando:

- Eu não sei qual a sua posição quanto a locais de crime, o que eu sei é que mais das vezes os policiais militares não respeitam as regras mais primárias. Digo isso para que você não pegue pesado com eles. Eles tem boa vontade, são os primeiros a serem chamados e quando chegam não sabem bem o que ocorreu e quais as conseqüências. Quando se inteiram do assunto, aí então é que vão tratar de preservar o local. Nem sempre conseguem fazer isso corretamente devido as circunstâncias.

- Tudo bem. Não pegarei pesado... Mas posso lhe adiantar que a matéria na faculdade que eu mais admirava, mais gostava era a que tratava desse assunto relacionado com as provas que se obtém com a correta preservação do local do crime.

- Nós não temos, muitas vezes, nem mesmo luvas de borracha para podermos manusear objetos na cena do crime. Proteção para os sapatos, nem pensar. Diante desse quadro, você pode imaginar o porque somente 5% dos crimes de homicídio são resolvidos aqui no país.

- Essa estatística nos foi passada na faculdade, eu sabia dela. Nos estados unidos da América do norte conseguem resolver perto de 87% dos crimes de homicídio. É uma diferença brutal. Mas nós temos as razões dessa diferença bem diante de nós...

Por toda essa interlocução que João Beltrão teve com o jovem espevitado, imediatamente passou a ter uma positiva impressão sobre o mesmo. Deixou de reparar no espevitamento do outro, considerando que todos nesse mundo apresentam uma característica a ser observada. O jovem Rubecon parecia espevitado, ou seja, era vivo e loquaz. Mas isso não era nenhum defeito. Muitas vezes João se perguntava: Qual seria a sua característica aos olhos dos outros? Nunca obtivera resposta a essa pergunta.

O local dos fatos estava cercado de policcias militares, um número tão grande de policiais, que chamava a atenção e que revelava tratar-se de algo de enormes proporções.

Jaziam inertes, três corpos de mulheres jovens, todas com sinal de semi degola, ou esgorjamento, com cortes que pareciam ser profundos na parte anterior dos pescoços das vítimas, feridas mutilantes que provavelmente deviam ter atingido a jugular externa. Era desconcertante o fato de haver três vítimas com os mesmo sinais de cortes profundos da jugular. Imediatamente isso revelava que os crimes não teriam ocorrido no mesmo exato

momento, pois a não ser que existissem três elementos ativos, um só elemento não poderia ter agido com aquele resultado.

Trocando idéias com o jovem Rubecon, João obteve essas mesmas percepções e mais ainda ouviu dele que seria possível que as vítimas estivessem todas elas dopadas ao mesmo tempo e o corte da jugular teria sido feito em uma após outra e assim por diante. Essa era uma outra possibilidade. O médico legal resolveria esse detalhe pela análise toxicológica do sangue das vítimas, além de, na verificação das feridas mutilantes proferir constatações outras sobre o crime. Diga-se que a análise toxicológica seria feita com o sangue que havia sobrado nas vítimas, tal era a quantidade de sangue que havia escorrido das vítimas pelo local do crime.

No local do crime havia muita coisa a ser observada. Era um local de casa periférica, pobremente mobiliada e toda ação ocorrera na saleta apertada de entrada da casa. As vítimas estavam dispostas pelo chão, ao redor de uma mesinha de centro onde, num cinzeiro de vidro barato, viam-se bitucas, bem pequenas, de cigarros que pareciam ser de maconha e bitucas bem maiores de cigarros de comércio livre. Isso indicava a permanência do agente criminoso, ou agentes, no local do crime por algum tempo.

Havia pegadas no chão provenientes de solado de sapato ou tênis que havia entrado em contacto com

Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

